

NAÇÃO CRIOLA ENTRE CRUZAMENTO E HIBRIDIZAÇÃO

Gabriela da Paz Araújo (UEPB/PPGLI/CAPES)
Rosilda Alves Bezerra (Orientadora / UEPB/PPGLI)

INTRODUÇÃO

A literatura e a sociedade estabelecem entre si, uma relação de sentidos marcados pela interdependência e pela reciprocidade, sendo então, respectivamente notável o caráter estético da literatura e a reflexão quanto aos aspectos políticos da sociedade. A arte literária tornou-se uma representação autêntica das manifestações culturais, deixando de ser entendida como apenas uma idealização humana, como acreditavam os românticos, para ser uma criação ligada diretamente à vontade íntima do homem e da sociedade.

No contexto histórico-social dos países africanos de língua lusófona, a obra *Nação Criola* está inserida em um cenário diversificado, marcado por uma grande diversidade cultural. Tais evidências propiciam o complexo processo de construção identitária ou o que denominamos “angolanidade”.

Nação crioula é um romance epistolar publicado em 1997, inspirado nas cartas de Carlos Fradique Mendes personagem criada por Eça de Queiroz. Agualusa reconta a história de Carlos Fradique Mendes, personagem aventureiro que conta a realidade vivenciada através de cartas enviadas a sua madrinha Madame de Jouarre, ao seu amigo Eça de Queirós e a sua amada, Ana Olímpia Vaz de Caminha com quem viaja para o Brasil fugindo de seus perseguidores, no que se dizia ser o último navio negreiro da época. A narrativa retrata o tráfico negreiro, e o movimento abolicionista do final do XIX, sem deixar de fazer referência à religiosidade, e a cultura africana. A trama ocorre entre os períodos de maio de 1868 a agosto de 1900.

O presente trabalho objetiva investigar elementos que possibilitem a identificação da multiplicidade cultural, construída a partir da união dos povos da lusofonia, por meio do entrelace de culturas que surgem a partir dos processos que resultam nas culturas compósitas.

Nesse contexto, torna-se essencial a ênfase na relação estabelecida entre Brasil – Portugal – Angola, com interesse em destacar a viagem e o deslocamento como

elementos que possibilitam a aquisição de características de diferentes culturas, que influenciam ativamente as decisões e a personalidade das personagens.

1 A VIAGEM COMO ELEMENTO POSSIBILITADOR DAS TROCAS CULTURAIS

A ironia se faz presente na obra de Agualusa exercendo um papel importante na construção da narrativa, além da crítica social como elemento essencial para a formação da interação com o leitor. Os textos apresentam uma relação direta com a sociedade, tanto a construída no passado, como a vivenciada no presente, refletindo as necessidades sociais as relacionando com os países lusófonos, como Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. No romance *Nação crioula*, o autor recebe influência efetiva de Eça de Queiroz, conhecido especialmente pela habilidade ao usar a ironia, segundo Agualusa, ele é a sua primeira referência literária. Hutcheon traz a relação entre ironista e interpretador, para fortalecer o entendimento da ironia nos romances de Agualusa.

Os principais participantes do jogo da ironia são, é verdade, o interpretado e o ironista. O interpretador pode ser – ou – não – o destinatário visando na locução do ironista, mas ele ou ela (por definição) é aquele que atribui a ironia e então a interpreta: em outras palavras, aquele que decide se a elocução é irônica (ou não) é, então, qual sentido irônico particular ela pode ter. Esse processo ocorre à revelia das intenções do ironista (e me faz me perguntar quem deveria ser designado como o “ironista”) (HUTCHEON, 2000, p.28).

Fradique Mendes, personagem emprestado de Eça de Queiroz, é extremamente irônico e não poupa críticas ao governo português e ao sistema instituído por eles em Angola e no Brasil, ou seja, a colônia. Fradique é considerado um homem a frente de seu tempo por possuir pensamentos próprios, e não se deixar levar pela ideia de colonizador, as impressões e suas experiências vividas em Angola são descritas em cartas enviadas a sua madrinha e ao próprio Eça. As cartas mostram o quanto à ironia abre possibilidades para, que a ficção construa uma crítica contundente com a realidade histórica, proporcionando ao leitor o conhecimento do não dito, assim como descrito abaixo:

(...) Qualquer ruído, mesmo o pequeno rumor de um pequeno artigo na revista de Portugal, e corremos o risco de que a Inglaterra descubra

que no território português da Zambézia não há Portugueses – e lá ficaremos nós sem a Zambézia!

[...]

O que é que nós colonizámos? O Brasil, dir-me-ás tu. Nem isso. Colonizámos o Brasil com os escravos que fomos buscar a África, fizemos filhos com eles, e depois o Brasil colonizou-se a si próprio. Ao longo de quatro demorados séculos construímos um império, será necessário muito mais do que a nossa consoladora fantasia de meridionais.

[...]

Para construir uma África portuguesa seria necessário que Portugal se fizesse africano. Atrever-me-ai a sugerir, como primeira e urgente medida, que se mudasse para Luanda a capital do Reino, naturalmente, os papéis de Belém. Numa segunda fase seria necessário mudar também os Portugueses, inclusive os virtuosos e os trabalhadores, transferindo para Portugal os criminosos a cumprir pena de degredo em Angola e Moçambique. Portugal, território pequeno e nessa altura já quase despovoado, poderia então, sem prejuízo, ser governado por um qualquer empacaceiro em comissão de serviço (AGUALUSA, 2008, p. 131-133).

Nessa perspectiva, é notável que o expansionismo realizado por Portugal durante séculos, sendo motivo de grande orgulho para o império, não passou de uma colonização desestruturada, como é retratado pelo narrador em seu discurso, desmascarando, assim, a superioridade e a grandeza que não existiam.

Fradique Mendes, em uma carta escrita para sua madrinha Madame de Jouarre, conta como acontece o por do sol no Brasil, mas precisamente, na cidade de Olinda, onde está hospedado com Ana Olímpia, em uma propriedade de Arcénio de Carpo.

O crepúsculo me surpreendeu-me enquanto preparava esta carta, sentado a uma mesa de pedra, nos jardins de um belíssimo palacete colonial (propriedade de Arcénio de Carpo) onde nos encontramos instalados. As tardes aqui morrem bruscamente, violentamente, num largo incêndio que se desfaz em cinza e em melancolia. Mas, ao contrário do que acontece na África Ocidental, ao contrário daquilo que eu sempre espero que aconteça, o sol não mergulha no mar – a água escurece, torna-se quase negra, a noite parece emergir do chão. (AGUALUSA, 2008, p. 67)

O Estado do Pernambuco era um dos destinos dos navios negreiros, e, é citado no romance como sendo um lugar com cidades exuberantes, mas que é utilizado como desembarque dos escravos para servirem aos fazendeiros da região.

(...) Quis saber o nome daquela região: <<Porto de Galinha>>, esclareceu o comandante. <<É o paraíso.>> Tinha aquele nome

porque de todas as vezes que um navio ali descarregava escravos, corria pelos sertões, entre os fazendeiros, a senha secreta: há galinhas no porto>>. (...) (AGUALUSA, 2008, p. 74, grifo do autor).

O narrador assemelha criticamente o estado brasileiro e a cidade de Luanda, caracterizando-as como possuindo a mesma essência, ou seja, a característica mórbida, que se destaca pela interação entre ricos, e o afastamento total dos pobres.

(...) Entretanto limito-me a passear por Olinda e Pernambuco, cidades tão próximas que a primeira constitui praticamente um bairro da segunda. Pernambuco distribui-se por duas ilhas, que os rios Capibaribe, Beberibe e Pina separam do continente. Nas ruas respira-se o mesmo odor melancólico que me surpreendeu em Luanda, um entorpecimento que se transmite das pessoas para as casas, como se toda a população estivesse já morta e a cidade em ruínas. E no entanto há aqui bairros opulentos. Os ricos são odiosamente ricos e ainda mais ricos e odiosos parecem ser por contraste com a extrema miséria do povo. (...) (AGUALUSA, 2008, p. 74)

Fradique cita um “odor melancólico”, elemento presente nas narrativas de Agualusa, como uma marca da cidade de Luanda em Angola. Em *Nação Crioula* observamos o seguinte comentário feito pelo narrador sobre esse odor.

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirados para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais sutil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África (AGUALUSA, 2008, p. 74).

As relações de trocas identitárias estabelecidas entre colonizador e colonizado constituem o que Glissant (2005, p.61), denomina como “culturas compósitas”, formadas a partir do contato com outras culturas, que ao serem colocadas em equivalência resultam na criolização. O fenômeno da criolização ocorreu no Brasil devido ao tráfico de escravos, mas não de um modo equilibrado, pois alguns elementos pertencentes aos negros foram inferiorizados, deixando assim, alguns resíduos negativos.

Assim as culturas atávicas tendem a se criolizarem, isto é, a questionar ou a defender. De forma frequentemente dramática (...) o estatuto da identidade como raiz única. Porque de fato é disso que se trata: de

uma concepção sublime e mortal que os povos da Europa e as culturas ocidentais veiculam no mundo; ou seja, toda identidade é uma identidade de raiz única e exclui o outro. Essa visão da identidade se opõe à noção hoje “real”, nas culturas compósitas, da identidade como fator e como resultado de uma criolização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não mais como raiz única, mas como raiz indo ao encontro de outras raízes (GLISSANT, 2005, p. 24-25).

Com base na teoria do rizoma, destacamos as personagens Fradique Mendes, português viajante, que encontra em Angola sua nova identidade ao considerar-se quase africano, e, Ana Olímpia, filha de uma escrava e de um príncipe congolês, vive durante quatorze anos como escrava de Victorio Vaz de Caminha até casar-se com ele, durante o tempo em que esteve casada, Ana foi livre, sempre tratada como uma verdadeira princesa, por não ter obtido sua carta de alforria volta à condição de escrava.

Após a morte de seu marido, para conseguir liberdade foge para o Brasil a bordo do navio negreiro Nação Crioula, com a morte de Fradique, retorna a Luanda, com sua filha, e casa-se com Arcénio de Carpo. Após o período que vive no Brasil, Ana Olímpia se reconhece como brasileira, e, até mesmo ao regressar a Angola é vista como brasileira “a mim chamam-me a *brasileira* e aos mais novos acreditam realmente que eu nasci no Brasil (AGUALUSA, 2008, p.159).

Estas personagens de nacionalidades diferentes ao entrarem em contato com novas culturas passam a aceitá-las, transformando assim, a sua ideia de nação e conseqüentemente a sua identidade, caracterizando-se assim, ao processo de hibridização da identidade. Nesse contexto, Deleuze e Guattari (2011, p.22) afirmam que “as trocas o são, com todas suas funções de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura”.

2 IDENTIDADES MUTAVÉIS

Agualusa apresenta uma literatura independente, que busca a construção identitária por meio da valorização da memória. Ressaltando ainda, a identidade angolana como algo fragmentado, que foi construída a partir do contato com culturas diversas e entre elas destaca-se a cultura do colonizador.

É importante considerar que as identidades nacionais não nascem nos seres humanos como heranças genéricas, e nem as pessoas são seres passivos de uma nação, ou seja, eles participam da ideia de nação, e, são os representantes da sua cultura, a

transformando a partir da interação com outras culturas, logo que esse indivíduo inserido, no mundo é produtor de cultura, e responsável pela configuração da história de sua época.

Segundo Hull (2011, p.11), “o mais importante símbolo nacional é, sem dúvida, a língua. As dúvidas acerca da língua oficial envolvem também importantes questões acerca da identidade nacional”, nesse propósito, nossa análise se volta para a identificação ideológica da Língua Portuguesa como código importante para a constituição identitária

Nesse sentido Bakhtin afirma:

A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda uma estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco. E é graças a esse plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os temas, todo seu mundo objeto, semântico, figurativo e expressivo (BAKHTIN, 1998, p. 74).

No romance de Agualusa, a que se detêm essa pesquisa, é verificável que as personagens procuram a afirmação de sua própria identidade, e até mesmo a identidade do outro, evidenciando processos de construção identitária a partir de influências diversas, ressalta-se o percurso histórico da nação para evidenciar a afirmação da angolanidade.

A angolanidade requer enraizamento cultural e totalizante das comunidades humanas, abarca e ultrapassa os particularismos das regiões e das etnias, em direção à nação. Ela opõe-se a todas as variantes de oportunismo (com as suas evidentes implicações políticas) que procuram estabelecer uma correspondência automática entre a dose de melanina e a dita autenticidade angolana. Ela é, pelo contrário, linguagem da historicidade de um povo. (ANDRADE, 1975, p. 16-17)

A nação descrita por Agualusa é caracterizada pela mestiçagem e pela relação triangular entre Brasil – Angola – Portugal, relação essa, que faz com que a identidade seja concretizada a partir do que as personagens entendem por sua nação. Nesse contexto, as histórias não são um registro dos acontecimentos do passado, mas sim, uma

forma de compreender os processos ocorridos entre o passado e o presente, com intuito de representar os indivíduos como elementos essenciais para sua autoidentificação como parte de uma nação.

As concepções de identidades destacadas anteriormente, se caracterizam por serem mutáveis, transitórias e contrárias, se caracterizando essencialmente, por meio da relação social estabelecidas pelos indivíduos. É através dessas relações, que os seres se inteiram da cultura do outro, fazendo-se conhecedores cada um da sua realidade, com isso estabelecem significados que lhes projetam para uma autoidentificação, possibilitando construir sua própria identidade. Nesse sentido, Ortiz (1996, p.07) afirma que “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença”. A partir da inserção dos indivíduos em diferentes espaços culturais, os sujeitos recebem influências diversas que alteram, de fato, a sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Fradique de Agualusa experimenta uma Angola múltipla de elementos culturais, formados a partir do contato com culturas diversas, podendo ser percebidas nas artes, na música, na culinária, entre outros. No Brasil, os referências culturais também são percebidos, neste caso, ampliados pela presença de resquícios do passado indígena, além da cultura europeia e africana.

É no cenário brasileiro, que Ana Olímpia se identifica como brasileira, chegando ao ponto de ser confundida com uma. O hibridismo cultural é percebido a partir da identificação das personagens com a cultura do outro, e, mesmo a cultura europeia sendo imposta como superior não impediu que as personagens fizessem suas escolhas identitárias, a partir do contato com novas culturas.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*: Gryphus, 2008.

ANDRADE, Mário Pinto de (1975) *O canto armado do povo angolano*, in Fernando da Costa Andrade, *Poesia com Armas*, Lisboa: Livraria Sá da Costa, pp. 1-18.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estética e de literatura*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014.

DELEUZE, Gilles, 1925-1995. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1/ Gilles Deleuze, Félix Guatarri; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto Celia Pinto Costa. – São Paulo: Editora 34, 2011.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HULL, Geoffrey. Timor Leste: *Identidade, Língua e Política Educacional*. Lisboa: Instituto Camões, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da Ironia*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre mundialização*. São Paulo: Olho D'Água, 1996.